

Excerto de páginas do Capítulo 5

CAPÍTULO 5

ANÁLISE DO SINTAGMA NOMINAL E DO SINTAGMA DETERMINANTE – AS ORAÇÕES COM FUNÇÃO [+N]

1. A Categoria ‘Nome’

Neste livro, nossa ênfase recai sobre a predicação – ver capítulos 3 e 4 –, e neste capítulo, especificamente, tratamos sobre o *nome*, a categoria que se organiza como argumento de predicadores¹. O termo *nome* é usado neste capítulo, e em todos os outros, no seu sentido tradicional, abrangendo a classe denominada pelos gramáticos de *substantivo*.

São três as categorias funcionais atestadas, morfologicamente, nas palavras [+N] – *nomes/ pronomes* – em nossa língua:

- *em nomes e pronomes* (1) *gênero*, (2) *número*
- *em pronomes pessoais* (3) *caso morfológico*

Abaixo, exemplificam-se as categorias *gênero* e *número*, marcadas a partir do núcleo da projeção do sintagma *menino*:

- (1)a. [SD [SN O menino bonito]]
b. [SD [SN Os meninos bonitos]]
c. [SD [SN A menina bonita]]
d. [SD [SN As meninas bonitas]]

Tomando, em (1a), *menino* como a forma *default*, observam-se as raízes mais os afixos *menino(s)/a(s)* que referem-se às categorias funcionais *gênero* e *número*.

Neste capítulo consideraremos a ocorrência sintática dos sintagmas nominais – SNs –, atentando para outras categorias que entram na composição deste sintagma como

¹ Os *nomes*, como argumentos, podem ser inseridos na predicação por meio de *preposições*. No entanto, a categoria *preposição* está fora do escopo deste capítulo.

se vê acima por meio das palavras chamadas de: determinante (SD) e adjetivo (SAdj). As categorias SD e SAdj manifestam o fenômeno de concordância de *gênero* e *número* com o núcleo *nome*, como se vêem nos exemplos (1) por meio das palavras *o(s)/a(s)* (SD) e *bonito(s)/a(s)* (SAdj). O ‘quantificador’ (SQ) também atesta concordância de gênero e número com o nome – ver subseção (2.1.2.).

Antes de prosseguirmos, queremos esclarecer que, nas predicções em português, dois tipos de ‘concordância’ são atestadas: a concordância nominal e a verbal. A concordância nominal, exemplificada em (1) é chamada de *Concord (Conc)* pela literatura em língua inglesa; já a concordância verbal, que trataremos brevemente em (1.2.), é chamada, pela literatura em língua inglesa, de *Agreement (Agr)*.

A seguir, apresentamos duas grandes características que os *nomes* apresentam em sua relação com o elemento predicador em uma dada sentença: *caso* e *concordância* – *Agreement (Agr)*.

1.1. Caso Morfológico

Uma categoria gramatical importante atrelada a *nomes* nas línguas é o *caso morfológico*². Em línguas que marcam *caso morfológico*, os nomes carregam as relações gramaticais/semânticas, que os ligam à predicação, explicitamente marcadas em sua morfologia. *Quechua, alemão, russo, latim, basco, finlandês, turco, bikol* são alguns exemplos de línguas que exibem um elaborado sistema de *caso*.

Línguas casuais podem atestar cerca de três a seis formas distintas (algumas vezes uma dúzia ou mais); trata-se de um interessante fenômeno de flexão nos *nomes* dessas línguas. Veja o exemplo abaixo em *bikol* (Filipinas)³:

(2) nag-ta’ó ‘ang-laláke ning-líbro sa-babáye
ACT- dar Nom-homem Ac-livro Dat-mulher⁴
“O homem deu um livro para a mulher”

² No capítulo 3, subseção (2.2.1.), introduzimos a noção de *caso morfológico* com um exemplo da língua quechua – ver dado (8) naquele capítulo.

³ Givón (1984, p. 62); as glosas e a tradução livre do dado foram versificadas para o português.

⁴ Abreviaturas: *Ac* – caso acusativo (nome com função de objeto direto); *Nom* – caso nominativo (nome com função de sujeito); *Dat* – caso dativo (nome com função de objeto indireto). ACT (?) (não informado pelo autor).

Em (2), observam-se a marcação de caso morfológico em bikol: (i) nominativo – ‘**ang-**’; (ii) acusativo – **ning-**; (iii) dativo – **sa-**. O caso nessa língua é lexicalizado por meio de prefixos atados à raiz de nomes.

A marcação de caso morfológico não se dá nos *nomes* em português, mas os pronomes pessoais exibem o fenômeno, como se vê em:

- (3)a. Eu fui ao Rio no mês passado
b. Meu irmão me levou à Rodoviária Novo Rio
c. Tia Aurea entregou as encomendas para mim

Em (3), o pronome pessoal 1S (1ª. pessoa do singular) manifesta os casos nominativo (sujeito) *eu* (3a), acusativo (objeto direto) *me* (3b) e dativo (objeto indireto) *mim* (3c).

A marcação de caso morfológico no sistema pronominal do português pode ser explicada como um ‘resquício do sistema casual’ do latim⁵. No entanto, um dos fatos importantes a ser dito sobre o português falado no Brasil (PB) é que a marcação de caso pronominal está em franco processo de desaparecimento. As marcações de caso no sistema de pronomes pessoais em PB vêm sendo substituídas pelas formas ‘default nominativas’⁶. Veja os exemplos a seguir:

- (4)a. _ Você visitou seu irmão Marcelo no Rio?
a’ _ Sim visitei Ø / _ Sim, eu visitei **ele** (PB)
b. _ Sim, visitei-o (PE)
b’ _ Sim, eu o visitei (PB)

Em (4), percebe-se que o SN *Marcelo* ocorre como objeto direto da sentença. No português falado no Brasil – PB – ao se substituir um nome ‘objeto direto’ (como *Marcelo*) por um pronome, atesta-se a marcação de *caso default nominativo* como se vê em (4a’): **ele**. O falante brasileiro mais escolarizado, a fim de evitar a marca de nominativo *ele*, ainda bem estigmatizada (como exemplificado em (4a’)), opta por

⁵ O latim antigo e clássico atestava um rico sistema de caso morfológico: *nominativo, acusativo, dativo, vocativo, ablativo, genitivo* – ver Melasso (2008). Nas *línguas românicas/latinas* – um grupo de idiomas provenientes da evolução do latim (especificamente do latim vulgar, falado pelas classes populares) – a marcação de caso morfológico deixou de ocorrer nos nomes, mas permaneceu no sistema pronominal.

⁶ A expressão *default nominativa (caso default nominativo)* refere-se ao fato de que o caso nominativo, nas predicções em PB, tem sido o caso marcado nos pronomes pessoais, que vêm omitindo sistematicamente as outras marcações casuais como ‘acusativo’ e ‘dativo’. Exemplos do PB popular são: (i) “Martinha vai ajudar **ele**, tá?” (ao invés de “Martinha vai **ajudá-lo**”); (ii) “Não judia d’**eu**” (ao invés de “Não judia **de mim**”).

apresentar um objeto nulo, representado por \emptyset . O pronome pessoal objeto com marcação de caso acusativo – como exemplificado em (4b) *visitei-o* – é parte da gramática do português europeu (PE), mas não da do brasileiro. Em PB, pronomes pessoais com marcação do tipo acusativa são atestados na modalidade da língua escrita; na língua falada, o caso acusativo é atestado entre falantes em uma enunciação extremamente formal, como se exemplifica em (4b’). No entanto, neste caso, ainda, é preciso atentar para a posição do clítico, que em PB, é preferencialmente proclítica – compare os dados (4b) e (4b’).

[.....]

2.1.1. Sintagmas Nominais com Núcleos Pronominais Clíticos

Em (1.1.) apresentamos o *caso morfológico* em português, marcado no sistema de pronomes pessoais da língua. Veja, abaixo, exemplos dos *casos nominativo*, *acusativo* (objetivo) e *dativo* (oblíquo) por meio do pronome pessoal 1S:

- (9)a. Eu fui ao Rio no mês passado
- b. Meu irmão me levou à Rodoviária
- c. Helena entregou as encomendas para mim

Lobato (1986: 450) apresenta o que chama de “*indícios de caso no repertório dos pronomes (manifestos)*” como se vê abaixo em⁷:

(10)⁸ Indícios de caso morfológico no repertório dos pronomes (manifestos) em português

| PESSOA/ NÚMERO | CASO NOMINATIVO | CASO OBJETIVO | CASO OBLÍQUO |
|-------------------|--------------------|------------------|-----------------|
| 1S | eu | me | mim |
| 1P | nós | nos | |
| 2S | tu | te | ti |
| 2S | você | você | lhe |
| 3S | ele/ela | o, a | lhe |

⁷ Diferentemente de Lobato (op. cit.), neste livro, o *caso morfológico* é escrito com letra minúscula. Reservaremos as letras maiúsculas para *Caso* quando nos referirmos ao *Caso abstrato*.

⁸ O ‘desenho’ da tabela e a disposição das colunas é uma readaptação do que se vê em Lobato (op. cit.).

| | | | |
|----|-----------|--------|------|
| 3P | eles/elas | os, as | lhes |
|----|-----------|--------|------|

Em (11)-(13), apresentamos exemplo da tabela em (10) por meio da categoria pronominal pessoal 3P:

- Caso morfológico 3P: **eles/ os/ lhes**

(11) *Caso Nominativo: 3P ‘eles’*

- [_{SN} Cecília e Jair] enviaram os livros aos amigos
- [_{SN} **Eles**] enviaram os livros aos amigos

(12) *Caso Acusativo (Objetivo): 3P ‘os’*

- Cecília e Jair enviaram [_{SD} os [_{SN} livros]] aos amigos
- Cecília e Jair enviram-**nos**⁹ aos amigos

(13) *Caso Dativo (Oblíquo): 3P ‘lhes’*

- Cecília e Jair enviaram os livros [_{SP} a [_{SD} os [_{SN} amigos]]]
- Cecília e Jair enviaram-**lhes** os livros¹⁰

Chamamos a atenção do leitor para um fato importante: formas clíticas ‘objetivas’ de 1^a/2^a. pessoas *me/te/nos* marcam outras funções sintáticas além da marcação de objeto direto (clítico objetivo).

Veja o exemplo abaixo:

(14)a. Ela **me/te** viu – (*caso objetivo/ acusativo*)

Em (14), *me/te*, 1^a/2^a. pessoas/ caso objetivo, marcam os pronomes em posição de objeto. No entanto em:

(15) Ela **me/te** deu o livro – (*forma objetiva/acusativa marcando caso dativo*)

As formas *me/te* marcam pronomes que funcionam como dativo, mas que por razões morfossintáticas são explicitados na sentença pela marca morfofonológica ‘objetivo’.

⁹ Observe que o pronome acusativo é **os** e não **nos**. A forma **nos** é resultante da aplicação de uma regra ortográfica que obriga a inserção no fonema /n/ ao pronome acusativo **o** devido a sua proximidade com a consoante **m** que marca, na ortografia, a nasalidade da vogal /ã/.

¹⁰ Expressões como estas são hoje raras no português falado em muitas regiões brasileiras que apontam um decréscimo ou mesmo um não uso do *lhe* dativo. Sentenças como (13b) são então substituídas pela expressão similar: “Cecília e Jair enviaram os livros para eles”.

Em outras palavras, mesmo exibindo a marca de clítico objetivo, os pronomes *me/te* em (15) não podem ser analisados como objeto direto da sentença, mas sim como objeto indireto.

Veja ainda outro exemplo de uma forma clítica nomeada como ‘clítico objetivo’ – *me* – sendo inserida em uma sentença sem objeto direto:

(16) Eu **me** acordei cedo¹¹

Em (16), o clítico é parte da realização morfológica do verbo *acordar* e não complemento (objeto) deste verbo.

Observe, na citação abaixo, a observação de Freire (2005) que ratifica o que apontamos acima acerca das formas pronominais clíticas de primeira e de segunda pessoas:

*Quanto às formas pronominais átonas, no português padrão estabeleceu-se uma distinção entre a terceira pessoa e as demais. Na primeira e na segunda pessoas, os clíticos **me**, **te**, **nos** e **vos** desempenham as funções acusativa, dativa e reflexiva, enquanto há uma especialização na terceira pessoa: **o** e flexões para a função acusativa; **lhe** e flexão para a função dativa; **se** para a função reflexiva. Vejam-se os exemplos:*

(35) *A moça não me cumprimentou*
A moça não te cumprimentou = FUNÇÃO ACUSATIVA
A moça não nos cumprimentou
A moça não vos cumprimentou

(36) *Ninguém me emprestou o livro*
Ninguém te emprestou o livro
Ninguém nos emprestou o livro = FUNÇÃO DATIVA
Ninguém vos emprestou o livro
Ninguém lhe emprestou o livro

(37) *Eu me feri com a ferramenta*
Tu te feriste com a ferramenta
Nós nos ferimos com a ferramenta = FUNÇÃO REFLEXIVA
Vós vos feristes com a ferramenta
Ele se feriu com a ferramenta

Freire (2005: 19)

Na citação acima, enfatiza-se o português ‘padrão’, o que se vê pela inserção da forma *vos*, já não mais atestada nem mesmo no português europeu.

¹¹ *Acordar* como verbo pronominal – *se acordar* – é parte da sintaxe de falantes do norte do Brasil. Ex.: falantes do Pará.

Há ainda que se dizer que o português brasileiro vem atestando a não marcação do caso objetivo, que se vê no quadro em (10). Observe os exemplos (12a-b), renumerados abaixo, seguidos dos exemplos (c/c’):

(17) *Caso Acusativo (Objetivo): 3P ‘os’*

- a. Cecília e Jair enviaram [SD OS [SN livros]] aos amigos
- b. Cecília e Jair enviram-**nos** aos amigos
- c. Cecília e Jair enviaram ‘. aos amigos
- c’. Cecília e Jair enviaram **eles** aos amigos

Em (17b), o clítico *nos* é um exemplo típico da modalidade escrita; quando visto na fala, é exemplo de uma fala culta ou extremamente policiada (ex.: professores universitários, jornalistas). Como já apontado na nota 6, a forma nominativa tem sido a forma *default* no português falado no Brasil que vem marcando esse caso nas aparições dos pronomes pessoais como se vê em (17c’). No entanto, uma recorrência grande em português do Brasil é o objeto nulo, como se vê em (17c). Uma das hipóteses de explicação do atestado número de ocorrências de casos de objeto nulo no português brasileiro é que os falantes que evitam o clítico objetivo, evitam também a sua substituição pela forma *default* nominativa, como (17c’), ainda muito estigmatizada na língua.

[.....]

Ratificamos que, um fato importante atestado em PB no tocante ao marcador objetivo, mesmo na fala dos cultos, é a perda dos clíticos acusativos de terceira pessoa:

“[...] Esse processo deu origem a uma extensão dos contextos em que o objeto nulo é aceito em português brasileiro quando comparado ao português europeu, (cf. Raposo, 1986), bem como ao aparecimento de pronomes tônicos na posição de objeto direto, construção agramatical em português europeu.

Como os estudos variacionistas [...] têm evidenciado, os clíticos acusativos de terceira pessoa não fazem parte do vernáculo [...] do português brasileiro. Ao contrário, o uso dessas formas está associado a aprendizado escolar, revela grau de instrução elevado e é identificado com língua escrita e estilo formal.”

Nunes (1993: 207)¹²

[.....]

¹² NUNES, J. 1993. Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro. In *O Português Brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo*, orgs. M. A. Kato, I. Roberts. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP.

Atente, a seguir, para o dado (13a-b), renumerado, com inserção da sentença (13c):

(18) *Caso Dativo (Oblíquo)*: 3P ‘lhes’

- a. Cecília e Jair enviaram os livros [SP a [SD os [SN amigos]]]
- b. Cecília e Jair enviaram-**lhes** os livros¹³
- c. Cecília e Jair enviaram os livros **para os amigos**

Como já apontado na nota 13, expressões como (18b), com a expressão do clítico dativo *lhe* são hoje raras no português falado em muitas regiões brasileiras. O brasileiro opta pela expressão preposicionada do dativo como se vê em (18c).

Sobre a expressão do dativo em PB, voltaremos ao assunto no capítulo 6.

Dados como os que se vêem em (14) e (15) exemplificam o fenômeno de marcação de *caso morfológico* no sistema pronominal do português, caso típico das línguas românicas, que por conta deste fenômeno exibem um aspecto sintático conhecido como “clitização pronominal”.

2.1.1.1. *Clitização Pronominal no Português e nas Línguas Românicas*

As gramáticas normativas apresentam os clíticos como “pronomes oblíquos”/ “pronomes átonos” – cf. Bechara (2006, p. 173-181).

Vejamos uma definição linguística para a categoria pronominal ‘clíticos’ – Trask (1993)¹⁴:

*“Um item que exhibe comportamento intermediário entre aquele de uma palavra e aquele de um afixo. Tipicamente, um clítico tem a forma fonológica de uma palavra separada, mas não pode receber acento e é obrigado a ocupar uma posição particular na sentença em que está fonologicamente atado a uma palavra adjacente a ele. Esta palavra recebe o nome de **palavra hóspede**. [...] Clíticos são, algumas vezes, divididos em **proclíticos**, que são atados a um hóspede que o segue [...], e em **enclíticos**, que são atados a um hóspede que o precede.”*

A definição acima nos permite relembrar um tópico de nossas gramáticas chamado “colocação dos pronomes oblíquos átonos”/ “topologia pronominal”.

¹³ Expressões como estas são hoje raras no português falado em muitas regiões brasileiras que apontam um decréscimo ou mesmo um não uso do *lhe* dativo. Sentenças como (13b) são então substituídas pela expressão similar: “*Cecília e Jair enviaram os livros para eles*”.

¹⁴ Trask (1993: 46-47); traduzido.

Quanto à topologia pronominal, nossas gramáticas falam de *próclise*, de *ênclise* e ainda de *mesóclise*. Vejamos definições e exemplos a seguir retiradas de Nicola & Infante (1999)¹⁵:

[(19)] **Ênclise** – Ocorre quando o pronome átono está colocado depois do verbo que complementa. É, no português europeu, a colocação mais normal, como nos exemplos:

- a. Disseram-**me** a verdade
- b. Conheci-**os** há pouco
- c. A rapariga sentou-**se** à mesa

[(20)] **Próclise** – Ocorre quando o pronome átono está colocado antes do verbo que complementa. É a tendência do português brasileiro.

- a. Não **nos** disseram a verdade
- b. A moça **se** penteou
- c. Eu **te** prometo sinceridade absoluta

[(21)] **Mesóclise** – Ocorre com as formas verbais do futuro do presente e do futuro do pretérito, em que o pronome surge no interior do verbo:

- a. Dir-**se**-ia que tal construção é desusada no Brasil
- b. Contar-**me**-ão a verdade quando chegar lá

Pela definição e exemplos de *mesóclise* oferecidos em (21), na citação acima, chamamos a atenção para os seguintes aspectos:

- (i) o fenômeno descrito como *mesóclise* não é previsto linguisticamente. Em outras palavras, as descrições de línguas do mundo não atestam *clíticos* que aparecem em uma posição que divide a raiz de sua flexão em uma *palavra hóspede*, como apontado em (21a-b);
- (ii) a colocação *mesoclítica* descrita em nossas gramáticas é clara ao enfatizar que pronomes clíticos em português só ocorrem atados a formas verbais no futuro do presente e do pretérito o que nos suscita a seguinte pergunta: “por que a posição mesoclítica só é atestada nestes tempos verbais”?

Embora a mesóclise esteja fora da gramática falada dos brasileiros, ela é ainda bem atestada na modalidade da língua escrita dos brasileiros. Nosso objetivo, portanto, é apontar para argumentações linguísticas claras que evidenciam que a posição

¹⁵ Nicola & Infante (1999: 206-207); exemplos (a), (b), (c), renumerados.

mesoclítica do pronome átono em português não é um caso de colocação de pronome clítico no “interior do verbo” – pois como já apresentado, clíticos não têm a característica de se interpor entre a raiz/radical de uma palavra e seu(s) afixo(s).

Observe, a seguir, a forma:

(22) *Amar-te-ei*

Em (22) temos claramente três morfemas: (i) *amar*, (ii) *te*, (iii) *-ei*. O morfema *-ei* é um “sufixo baú” que carrega as marcas de TEMPO, ASPECTO, MODO, PESSOA e NÚMERO do verbo *amar* (a raiz da palavra *amarei*); *te* é o pronome clítico acusativo (objetivo) – ver (10). O pronome clítico em português só ocorre nesta posição “medial” – entre a raiz do verbo e sua flexão – quando a flexão do verbo expressa *tempo futuro*. Este fato pode ser explicado por um processo de mudança linguística, descrito por Chagas (2002: 159):

O verbo haver também se gramaticalizou na formação do futuro do indicativo na România ocidental, o que abrange a Itália, a França e a Península Ibérica. Em vez da forma latina a¹ma□bo□ do futuro do indicativo (“amarei”), gradativamente ganhou espaço nas línguas românicas uma locução formada do verbo habeo e do infinitivo do verbo principal. Surge então a forma amare habeo. Inicialmente tínhamos aí duas palavras, mas com o passar do tempo elas se transformaram em uma única palavra. Isso é o que ocorreu plenamente no francês, no espanhol e no italiano, em que os dois elementos se soldaram de forma indissolúvel, produzindo, respectivamente, amerai, amare e ameró.

A partir da informação acima de que o *tempo futuro* em línguas românicas, historicamente, foi marcado por uma perífrase verbal (*verbo principal + haver flexionado no futuro*), vejamos um possível estágio do processo de marcação do tempo futuro em português por meio da expressão verbal vista em (22) – *amar-te-ei* – renumerada em:

(23)a. *Amar-te-ei*

b. *Amar-te* *haverei*

b'. *Amar-te-ei*

O objetivo, em (23) é atestar que, o que chamaríamos de *mesóclise* do clítico *te* em (23a) seria, historicamente, uma forma *enclítica*, atada ao verbo principal *amar*. O verbo *haver* (auxiliar) carrega, neste momento da história das línguas românicas, as marcas de flexão do tempo futuro da perífrase verbal, como se vê em (23b). Um dos processos da

mudança linguística foi a perda de material morfofonológico na palavra *haverei* como se vê em (23b’).

Chagas (2002), ao descrever o processo de mudança linguística na marcação de futuro das línguas românicas ocidentais, o faz por meio da abordagem teórica conhecida como “gramaticalização”. Segundo esta teoria, a mudança linguística pode ser explicada por uma gradação em que temos palavras independentes em um extremo da linha de um determinado tempo e morfemas flexionais em um outro extremo. Abaixo, em (24), um exemplo de gradação da mudança apontada em (23b)-(23b’), renumerados em:

(24)a. Amar-**te** *haverei*

a’. Amar-**te**-*ei*

(25) gradação (>) de gramaticalidade do futuro em português¹⁶:

- elemento com conteúdo *haver* >
- palavra gramatical *haver* >
- clítico **ei*¹⁷
- afixo flexional *-ei*

Em português, atestam-se duas formas de expressão do tempo futuro (na língua falada); essas formas coocorrem em variedades diferentes:

(26)a. português europeu (PE): *Amar-te-ia*

b. português brasileiro (PB): *eu vou te amar/ eu te amarei*

Em PE, a terminação **-ia** (26a) pode ser separada da raiz verbal por meio do clítico **te** “[...] o que indica que lá esse processo de “soldagem” dos dois elementos ainda não está terminado [...]” Chagas (2002, p. 159).

Em PB:

“[...] Esse tipo de futuro tem uso muito restrito no vernáculo e praticamente já foi substituído pela forma perifrástica com o verbo *ir* como auxiliar, ou seja, formas como *vou viajar* são muito mais comuns do que *viaggiarei*”.

Chagas (2002: 159)

¹⁶ A “gradação” expressa em (20) é uma ‘construção’ da autora deste livro.

¹⁷ O asterisco antes da forma **ei* visa a indicar que tal palavra é uma proposta de reconstrução histórica. Esta é uma prática de linguistas da *lingüística histórica*.

Sobre *gramaticalização*, ver sugestão de leitura em *leituras complementares* – capítulo 5 – ao final deste livro.

2.1.1.2. *Sintagmas Nominais Clíticos e X-Barra*

A cliticização pronominal das línguas românicas apresenta uma mudança morfossintática significativa na expressão do sintagma nominal – SN. Veja o exemplo abaixo de Miotto et al. (2004)¹⁸:

(27) A Maria **me_i** encontrou **t_i** ontem

Em (27), o índice subscrito (**i**) aponta para uma *cadeia*, ou seja, para um movimento de um SN de uma posição de complemento do verbo para uma posição de núcleo da flexão. Em outras palavras: o verbo *encontrar* (27) exige um argumento interno de natureza pronominal 1S. No entanto, devido às características morfofonológicas e sintáticas da categoria 1S – clítico **me** – ocorre um tipo de incorporação de núcleo: “[...] o clítico vai se amalgamar ao conjunto morfológico verbo+flexão na posição I (núcleo de IP – sintagma flexional (SF)).”¹⁹

Logo, *SNs pronomes clíticos* ocasionam sensíveis modificações na estrutura sintática em que se inserem; encerramos esta subseção com as palavras de Miotto et al (2004)²⁰:

“Não entraremos aqui na formulação exata do que está acontecendo com estes elementos (pois este é um curso introdutório), que saem da posição de complemento de V, uma posição de projeção máxima, e chegam a uma posição de núcleo, como I (Flexão). Salientaremos somente que esta propriedade – a de começar a sua história como XP e de terminar como X – que torna os clíticos os elementos especiais que eles são, e que nos faz reservar tratamento especial e muita literatura para eles.”

Sobre *teoria do movimento*, ver sugestão de leitura em *leituras complementares* – capítulo 5 – ao final deste livro.

2.1.2. *O Sintagma Nominal Maximamente Estendido*

Lemle (1984: 97-99), Lobato (1986: 119-121) e Perini (1989: 155) descrevem um conjunto de categorias gramaticais que entram na composição sintagmática dos *nomes* possibilitando sua expansão. Logo, os autores (op. cit.) denominam de *SN maximamente*

¹⁸ Miotto et. al. (2004, p. 254, exemplo (7a), renumerado.)

¹⁹ Ibid. Os parênteses são nossos.

²⁰ Ibid. Os parênteses são nossos.

estendido/ SN máximo/ SN expandido o conjunto dessas categorias, mais a categoria *nome*.

Observe um exemplo de *SN expandido* oferecido por Perini (op. cit.)²¹:

(28) todos os meus muitos valentes amigos alagoanos

Em (28), percebe-se que, ao redor do núcleo [_{SN} *amigos*], agregam-se várias categorias de comportamento sintático diverso como apontadas em:

(29)a. todos

b. os

c. meus

d. muitos

e. valentes

f. alagoanos

A afirmação de que os termos agregados ao redor do núcleo [_{SN} *amigos*] em (29) têm comportamento sintático diverso é ratificada pela distribuição desses elementos em torno do *nome*: a maioria apresenta uma posição rigidamente determinada dentro da sequência do SN. Perini (1984) nos fornece uma boa exemplificação²²:

(30) a. *meus os amigos alagoanos

b. * os meus alagoanos amigos

c. * meus amigos alagoanos, etc.

Por outro lado, em certos casos a transposição é possível, como em:

(31) a. todos os meus amigos

b. os meus amigos todos

Lemle (1984) cria um exemplo de SN maximamente estendido²³:

(32) Todos aqueles meus outros dez primeiros estranhos poemas

O objetivo de Lemle (op. cit.) ao criar o *SN máximo* apontado em (32) é, segundo a autora, apresentar as sete posições pré-nominais possíveis de serem preenchidas, como se vêem abaixo:

²¹ Perini (1984, p. 148, dado (5), renumerado). O grifo é nosso.

²² Perini (1984: 148); dados (3)- (4), renumerados. Os grifos são nossos.

²³ Lemle (1984: 98); exemplo (146). Dado renumerado e adaptado; o grifo é nosso.

(33)²⁴

| 1 todos | 2 aqueles | 3 meus | 4 outros | 5 dez | 6 primeiros | 7 estranhos poemas |
|------------|---|---------------------------------|-------------|---|---------------------------------------|--------------------------|
| ambos | este(s) esse o um algum nenhum cada | teu(s) seu nosso vosso | mesmo(s) | um dois . . . vário diverso muito pouco | segundo(s) terceiro . . . | |

Lemle (1998: 98) chama a atenção para a nomenclatura gramatical tradicional atribuída às categorias em (33), argumentando sobre sua inadequação. Segundo a autora (op. cit.) a gramática tradicional: **(i)** reúne sobre uma mesma nomenclatura categorias distribucionalmente distintas; **(ii)** separa em categorias distintas elementos distribucionalmente idênticos. Abaixo, em (34)-(35), resumimos a argumentação apresentada em Lemle (1984: 98):

(34) *Categorias distribucionalmente distintas tratadas pela mesma nomenclatura*

Categorias que se distribuem por quatro posições em (28) – **1** (*todos*), **2** (*algum*), **4** (*outros*) e **5** (*vário*) – são todas chamadas de pronomes indefinido pelos gramáticos.

(35) *Categorias distribucionalmente idênticas tratadas por nomenclaturas distintas*

- a. Na posição **2** em (33), ocorrem termos tradicionalmente classificados em três classes de palavras distintas, segundo a gramática tradicional: (i) artigos (*o*, *um*), (ii) pronomes demonstrativos (*aqueles*, *estes*, *esse*), (iii) pronomes indefinidos (*algum*, *nenhum*, *cada*).

²⁴ Lemle (1984: 98; (146)).

- b. Na posição 5 em (33), ocorrem termos tradicionalmente classificados em duas classes de palavras distintas, segundo a gramática tradicional: (i) numerais cardinais (*dez, um, dois*), pronomes indefinidos (*vário, diverso, muito, pouco*).

Chamamos a atenção do leitor para a nomenclatura pronome indefinido usada pela gramática tradicional e apontada em (34) e (35a-b) acima. Segundo a gramática tradicional:

“Os pronomes indefinidos referem-se à terceira pessoa do discurso de forma vaga, imprecisa ou genérica. [...] formam um grupo bastante numeroso. Alguns são variáveis, outros, invariáveis”.

Pasquale & Ulisses (2003: 288)

Atente que a definição acima não pode ser dita científica, pois não apresenta *caráter explícito*: é imprecisa e não coerente. Imprecisa, por apresentar expressões como *forma vaga, grupo bastante numeroso*. Não é coerente, pois não atenta para o caráter sintático (distribucional) desses elementos, como apontado em (34)-(35)²⁵.

Segundo Lemle (1984: 97-99), Lobato (1986: 119-121) e Perini (1989: 155), as diversas categorias que organizam o *SN estendido*, como visto em (33), podem ser categorizadas em três classes sintagmáticas:

(36)a. **Sintagma Adjetivo – SAdj:**

“[...] as colunas de 3 a 7 do sintagma nominal [(em (33))] são posicionalmente intercambiáveis com os adjetivos, tanto quanto antepostos, quanto quando pospostos ao nome. A conclusão a que esta verificação nos leva é simplesmente a de que esses elementos devem ser considerados adjetivos. Como adjetivos podem vir numerosos deles enfileirados.”

Lemle (1984)²⁶

b. **Sintagma Quantificador – SQ:**

“[...]os elementos da coluna 1 [(em (33))], todos e ambos serão chamados de quantificadores.”

Lemle (1984)²⁷

c. **Sintagma Determinte – SD:**

“[...]os elementos da coluna 2 [(em (33))], ou seja, os artigos definidos, os artigos indefinidos, os demonstrativos e os indefinidos nenhum, algum, certo e cada. [...]”

Lemle (1984)²⁸

²⁵ Sobre o *Caráter Explícito da Linguística*, ver Capítulo 1.

²⁶ Lemle (1984:99). Os parênteses são nossos; os grifos são nossos.

²⁷ Ibid. Os parênteses são nossos; os grifos são nossos.

²⁸ Ibid. Os parênteses são nossos; os grifos são nossos.

Voltaremos aos elementos das colunas 1, 3-7, em (33), em capítulos específicos. Neste capítulo, a categoria que enfocamos, relacionada ao chamado *SN estendido*, é o sintagma determinante – SD, expresso pelas palavras da coluna 2 em (33).

2.2. O Sintagma Determinante

Na subseção (2.1.2.) tratamos do *SN estendido*, descrevendo categorias que se organizam em torno do núcleo *nome*: uma delas é o determinante. Nesta subseção, enfocamos o sintagma determinante – SD.

O SD é um sintagma projetado a partir do núcleo determinante. Em português, como visto em (36c), chamamos de *determinantes* as seguintes classes de palavras e itens lexicais:

- (37)a. **artigos** – *o(s), a(s), um(uns), uma(s)*
b. **pronomes demonstrativos adjetivos**²⁹ – *aquele(a)(s), esse(a)(s), estes(a)(s)*
c. **pronomes indefinidos adjetivos** – *nenhum, algum, certo e cada.*

O SD é um sintagma de natureza funcional, diferentemente do SN, que é um sintagma lexical. Segundo Miotto et al. (2004)³⁰:

“[...]O DP (SD) domina o NP (SN) atuando sobre ele de modo paralelo ao que faz o IP (SF) com o VP (SV): O D constrói a referencialidade do NP (SN), conferindo-lhe estatuto de argumento. Esta é a razão pela qual chamamos os argumentos de DP (SD) em vez de NP (SN). A categoria lexical NP (SN) é dominada por uma categoria funcional DP (SD) de modo paralelo à categoria VP (SV), que é dominada por IP (SF). [...]”

Em P&P, mesmo em SNs que são projeção de nomes nus, postula-se um determinante do tipo nulo.

[.....]

²⁹ Chama-se pronomes demonstrativos/ indefinidos adjetivos os pronomes que acompanham um nome, como se vêem nos SDs: [_{SD} **aquele menino**]; [[_{SD} **certa pessoa**] **ficou de me entregar o livro e não o fez**].

³⁰ Miotto et al. (2004, p. 62). Os parênteses são nossos.